DISCURSO DE POSSE
CLÁUDIO MARTINS

No momento em que me filio ao Instituto do Ceará, enobrecido pela generosidade dos que lhe constroem a grandeza, dirijo meu pensamento para o alvorecer de nossa idade cultural.

E identifico, na segunda metade do século XIX, o cadinho em que se amalgamaram nossas reservas espirituais, à maneira de movimentos precursores de instituições como esta, sem dúvida e sem favor, atestado altíssono do legendário pendor cearense para lucubrações intelectivas.

Ocūpando-se desta faćeta marcante, Dolor Barreira localiza-lhe as primícias nos "Oiteiros", símile de salão encomiástico, encorajado pelo Governador Manoel Inácio de Sampaio, "homem inteligente, culto, assim dado às armas como às letras", consoante anotação no primeiro tomo da *História da Literatura Cearense.*

Para decidir-se por essa ponderosa conclusão, Barreira pesou e sopesou opiniões divergentes, posto que consideráveis, demandando destaque a de Antônio Sales, que lhe fincou as raízes nos idos de 1856, embasado na publicação dos "Prelúdios Poéticos", livro de estréia de Juvenal Galeno; a de Tristão de Ataíde, para quem nossa vida literária nasceu com a chegada de Gonçalves Dias a Fortaleza, no ano de 1859, e a do poeta e historiador Cruz Filho, preferindo o ano de 1872, quando agitação filosófico-literária, iniciada cerca de dois anos antes, transmudou-se, definitivamente, no que se passou a chamar de "Academia Francesa".

A discussão, inegavelmente relevante, confirma, em última instância, que a propensão da Terra da Luz para as coisas do espírito, desde as primeiras investidas nos caminhos da inteligência, longe de esmorecer ante a tragédia de fatores adversos, notadamente climáticos, nela tem assentado seu incentivo predominante.

Em outras palavras, a riqueza cultural de nosso homem sobreleva a pobreza material que tem sido seu secular castigo.

Foi assim que, obedecendo a modelo então em voga, essa inarredável e invencível tendência assumiu a forma de grêmios, salões de leitura, instituições científicas e academias, amiudados a partir de 1870, como faz ver Leonardo Mota.

De fato, em apanhado ligeiro, o consagrado pesquisador de "Cantadores" registra em seu livro *"A Padaria Espiritual"* nada menos de 37

agremiações do gênero, isso somente no período que vem daquela data, 1870, ao fim do século.

É de salientar-se que tão salutar explosão não se ateve às lindes da cidade grande.

Nos pontos mais recuados de nossa vasta hinterlândia surdiram, à guisa de imperiosa necessidade, gabinetes de leitura e associações outras de matizes os mais diversificados nesse plano de escol.

E não esporadicamente, tais cometimentos imprimiram sinais indeléveis, ora influenciando a formação e aperfeiçoamento de passadas gerações, outras vezes perpetuando-lhes as potencialidades, consubstanciadas na produção de ensaios, estudos, quando não na de variegada criação literária.

Livros, revistas e jornais da época autorizam a asserção.

Não caberia aqui e agora determinar, inda que a largas pinceladas, a procedência deste juízo.

Mesmo porque ninguém o terá feito com serena justiça.

Sem ousar ferir o mérito inquestionável do Barão de Studart, bem como o de nosso Antônio Sales ou o daquele mestre meticuloso que foi e continua sendo o professor Dolor Barreira, fonte inspiradora dos que se propuseram continuar-lhe a obra insigne — e vale assinalar, nesse tanto, Albano Amora e Sânzio de Azevedo —, aventuro-me, nada obstante, a sustentar que permanecem quase olvidados nomes como o de Paulino Nogueira, primeiro Presidente deste cenáculo e figura das mais salientes da história de nossa intelectualidade, ou o de um José Carlos Ribeiro Jr., do mesmo modo que Rodolfo Teófilo, cearense por auto-escolha, mas fruto opimo dessa geração privilegiada, já pelo que produziu em prosa e verso, seja por suas manifestações jornalísticas de dimensões preclaras.

Desde pouco menos de dois lustros, como Presidente da Academia Cearense de Letras, tenho dedicado o melhor cuidado à exumação da obra de muitos desses valores, seriamente ameaçada por fatal perecimento de precioso material probatório, isso, advirta-se, somando a colaboração de amigos e confrades, igualmente voltados para o problema. O primeiro documento que logrei recuperar, a penoso custo, foi "O Pão", da "Padaria Espiritual", reeditando-lhe, fac-similarmente, os 36 números a que se circunscreveu.

Para tanto, a Academia foi acudida por apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Fortaleza, graças ao empenho do Prefeito Lúcio Alcântara, nosso dedicado e ardoroso confrade, recebendo, ademais, coadjuvação técnica, com dispensa de mão-de-obra, da Universidade Federal do Ceará, com a qual, numa homenagem muito justa, compartimos, espontaneamente, o mérito da edição.

Quanto a mim, devo confessar que na realização do projeto fui motivado pelo desejo de pôr ao alcance dos estudiosos acervo até então só acessível a meia dúzia de afortunados.

Dentre outras implicações, "O Pão", no meu entendimento, constitui o primeiro vagido das idéias renovadoras brotadas, em 1922, com a Semana de Arte Moderna.

Dessemelhante não deve ser a ilação de quem se der ao prazer de consultar o "Programa de Instalação" da famosa confraria, de que a desabusada publicação se fez porta-voz.

Nesse curioso manifesto incluem-se proibições inusitadas, tais como recitar ao piano, fazer referência à rosa de Malherbe, usar palavras estranhas à língua vernácula, dar às palestras tom oratório e nominar animais ou plantas não pertencentes à fauna ou flora brasileiras, coisas como cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho, e quejandas.

Minha segunda grande preocupação ateve-se à recomposição dos 30 números da revista "A Quinzena", órgão oficial do Clube Literário, fundado em 1886.

Novamente, recebi a valiosa ajuda de dedicados amigos, confrades e artistas, nomeadamente Fran Martins, Maria da Conceição Souza, Geraldo Jesuíno e Alberon Soares.

Entretanto, só pude concretizá-la por força da comprovada benemerência do Banco do Nordeste, apoio constante a realizações desse quilate e por isso credor da gratidão ilimitada dos beneficiários de sua patriótica atuação no âmbito da cultura nacional.

Consoante acentuei em Nótula inserida nessa vitoriosa reedição, "Ontem, era a sensibilidade de Nílson Holanda e sua equipe o nosso arrimo em empreendimento desta ordem. Agora, Camillo Calazans de Magalhães, Edison de Souza Leão Santos, Eduardo Moraes Oliveira, José Soares Nuto, Raul Edson de Almeida Barreto, José Eduardo Leite Parente, Roberto Gerson Gradvohl e Célio Loureiro Cavalcante, honrando as tradições culturais da eminente instituição a que servem com desvelo, fazem-se responsáveis pela perpetuação de documento deste porte, acrescentando ao acervo cultural da Nação uma achega preciosa".

A vantagem do novo empreendimento é cristalina.

"A Quinzena", iniciada dois meses depois de fundado o Clube Literário, ou seja, a 15 de janeiro de 1887, viu-se, merecidamente, considerada pelo Barão de Studart "o renascimento literário do Ceará".

Nela pontificaram João Lopes, Antônio Bezerra, Antônio Martins, Oliveira Paiva, José Olímpio da Rocha, Abel Garcia e José de Barcelos, idealizadores e fundadores da associação de 1886 e grupo pioneiro a que logo se juntaram poetas, historiadores e prosadores, umas vezes em compasso de estréia, a exemplo de José Carlos Jr. e Francisca Clotilde, geralmente ampliando vocação já patenteada, como é o caso de Juvenal Galeno, Justiniano de Serpa, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Xavier de Castro, e mais...

Na qualidade de modesto integrante deste quase centenário Instituto, proponho-me dar seguimento a tão afanoso trabalho, tentando recuperar

de saída, possivelmente ainda este ano e por idêntico processo, o "Libertador", já não levando em linha de conta o teor literário ou científico, que nele é apoucado, mas pelo que representa o periódico como peça identificadora da contribuição cearense aos sentimentos anti-escravistas que culminaram em 1888.

Esclareça-se, porém, que a maior valia do exigente intento cifra-se no ensejo oferecido pelo transcurso do primeiro centenário da abolição da escravatura no Ceará, festejado precisamente a 25 de março deste ano de 1984.

Acredito que se chegar a atingir a meta colimada terei, como servidor desta Casa, prestado a ela e a meu Estado serviço que considero dever indeclinável.

Senhoras e Senhores,

Prescrição estatutária determina que o recipiendário se ocupe, no ato solene de posse, da memória de seu antecessor.

Para mim, a imposição resulta sumamente confortadora, pois sucedo a um amigo, quase irmão, parceiro de muitas vivências e participante incomum em atividades sociais, magisteriais e literárias, que nos uniram, em contato diário, até o seu infausto passamento.

Quando tivemos de partir das terras verdes de nosso vale, cumprindo o fadário do sertanejo a procura de melhores dias, reencontramo-nos nas tertúlias memoráveis que a cidade grande permitia a uma juventude desfavorecida, mas ambiciosa e bafejada pela possibilidade da sobrevivência que o sertão negara.

Não demorou muito, éramos profissionais do magistério, em condições precárias, é de ver.

Todavia, o bom começo permitiu-nos conquistar, lá pela década de quarenta, uma cátedra na Faculdade de Ciências Econômicas, anos depois encampada pela Universidade Federal do Ceará.

Relembro que quando empreendi a reforma de nosso ensino normal, na posição de Secretário de Estado da Educação e Saúde, foi em Denizard e outros especialistas, dentre os quais Teixeira de Freitas, que me apoiei para providências basilares, originando-se do trabalho de equipe, afortunadamente reforçado pelo concurso de Lauro de Oliveira Lima, um diploma merecedor da acolhida entusiástica do preclaro pedagogo Moreira de Souza, seguido de outras autoridades nacionais de igual envergadura.

No Conselho de Educação do Ceará fez-se verdadeiro baluarte da luta pela transformação do colendo Colegiado em elemento de modernização do sistema de ensino do Estado.

Embora não tenha podido ver o coroamento desse esforço conjugado, Denizard firmou-se entre os que mais têm contribuído para o aprimoramento do ensino de 1º, 2º, e 3º graus, como mestre inconteste que sempre demonstrou ser na condução dos assuntos por ele abrangidos.

Conselheiro de Educação, dirigente do Conselho Estadual em biênio difícil e prudente coordenador da controvertida Comissão de Encargos Educacionais, ponto nevrálgico dos Conselhos pátrios, portou-se invariavelmente como sereno juiz, alteando-se pelo aprumo de seu comportamento em terreno escorregadio.

E que dizer de sua passagem pela Casa de Tomás Pompeu?

Esquecido de que a produção científica é pré-requisito válido para ingresso no vetusto sodalício, relutou em pleitear a vaga que sua qualificação lhe reservara, a pretexto de não considerar-se homem de letras.

No entanto, foi ali que encontrou sua segunda arena intelectual, um novo espaço para os talentos que aqui lhe sobejavam.

Do mesmo tanto que ao Instituto, meu pranteado amigo legou à Academia Cearense de Letras contributo apreciável.

Devo aduzir, em considerações finais, que este breve relato, mais afetivo que circunstanciado, não revela nossa atuação cotidiana em diferentes associações privadas e clubes de serviço.

Apresenta-se, nada obstante, suficiente para dar a medida aproximada de meu relacionamento com José Denizard Macedo de Alcântara, professor, historiador e educador, senhor e possuidor de títulos e honrarias conquistados ao preço de madura formação, com lugar de excepcional relevância no setor das relações sociais e na pública administração, seja como Pró-Reitor de nossa Universidade Federal, Secretário de Estado e Presidente do órgão normativo do Sistema de Educação do Ceará, seja como incentivador das letras e da produção científica.

Todavia, sua vida e obra recobrem-se de tantos gastos de altruísmo, atitudes corajosas e inostensivas realizações comunitárias que, dado me fosse, estatutariamente, trazê-los à tona, teríeis que aturar depoimento de horas a fio.

Por isso, a tanto me confino, confiando a vosso alvedrio julgamento mais consentâneo com a fascinante personalidade de meu eminente antecessor, decerto inafastável das glórias imarcessíveis da Casa de Guilherme Studart, por tudo quanto lhe deu ao longo de quase 30 anos de trabalho útil e proveitoso.